

O 'deu branco' na formação inicial de professores/as de Química

Abadia, Thalia Amanda ¹

Rigue, Fernanda Monteiro ²

RESUMO

Este trabalho visa criar histórias fictícias sobre situações de bloqueio cognitivo, popularmente conhecidas como 'deu branco', e seu impacto na formação inicial de professores/as de Química. Com base nas fabulações especulativas de Donna Haraway (2023) o foco é construir histórias que abordam as diferenças no contexto universitário. A pesquisa revela que procedimentos avaliativos, como testes associados a pressões acadêmicas, estresse, ansiedade, medo e insegurança, frequentemente desencadeiam os 'brancos', prejudicando o aprendizado dos estudantes. As histórias criadas (O seminário; Infinitos desafios; Experiências educacionais; O Brilho da Coragem; O Desafio do TCC: A Jornada de Lena Peixinha na Graduação) destacam as sutilezas da formação docente, evidenciando como os desafios vividos pelos estudantes muitas vezes são invisíveis no ambiente universitário. O estudo aponta a urgência de repensar os instrumentos avaliativos na formação docente, considerando os impactos nas subjetividades dos futuros profissionais da educação.

Palavras-chave: formação inicial de professores/as de química; histórias; avaliação.

The 'blank' in the initial training of Chemistry teachers

ABSTRACT

The study highlights the urgency of rethinking assessment instruments in teacher training, considering the impacts on the subjectivities of future education professionals. This work aims to create fictional stories about situations of cognitive blockage, popularly known as 'go blank', and their impact on the initial training of Chemistry teachers. Based on the speculative fables of Donna Haraway (2023), the focus is to build stories that address differences in the university context. Research reveals that assessment procedures, such as

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Licenciada em Química pela UFU. Email: thaliaamanda2014@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0463892804485535>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5976-5677>.

² Universidade Federal de Uberlândia. Professora nos cursos de Química da UFU Campus do Pontal, Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: fernandarigue@ufu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1520364228695308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2403-7513>.

tests associated with academic pressure, stress, anxiety, fear and insecurity, often trigger 'blanks', harming students' learning. The stories created (The seminar; Infinite challenges; Educational experiences; The Shine of Courage; The TCC Challenge: Lena Peixinha's Undergraduate Journey) highlight the subtleties of teacher training, highlighting how the challenges experienced by students are often invisible in the university environment. The study highlights the urgency of rethinking assessment instruments in teacher training, considering the impacts on the subjectivities of future education professionals.

Keywords: initial training of chemistry teachers; stories; assessment.

El 'espacio en blanco' en la formación inicial del profesorado de Química

RESUMEN

Este trabajo pretende crear relatos de ficción sobre situaciones de bloqueo cognitivo, conocido popularmente como 'quedarse en blanco', y su impacto en la formación inicial del profesorado de Química. A partir de las fábulas especulativas de Donna Haraway (2023), el foco es construir historias que aborden las diferencias en el contexto universitario. Las investigaciones revelan que los procedimientos de evaluación, como las pruebas asociadas con la presión académica, el estrés, la ansiedad, el miedo y la inseguridad, a menudo generan "espacios en blanco", lo que perjudica el aprendizaje de los estudiantes. Las historias creadas (El seminario; Desafíos infinitos; Experiencias educativas; El brillo del coraje; El desafío TCC: El viaje universitario de Lena Peixinha) resaltan las sutilezas de la formación docente, destacando cómo los desafíos experimentados por los estudiantes son a menudo invisibles en el ambiente universitario. El estudio destaca la urgencia de repensar los instrumentos de evaluación en la formación docente, considerando los impactos en las subjetividades de los futuros profesionales de la educación.

Palabras clave: formación inicial de profesores de química; historias; evaluación.

INTRODUÇÃO

Este artigo investiga as situações de bloqueio cognitivo enfrentadas por estudantes durante atividades avaliativas, com foco no fenômeno popularmente conhecido como "deu branco". A análise é conduzida a partir da perspectiva teórica de Donna Haraway (2023), que, por meio de uma fabulação especulativa, propõe uma compreensão multidimensional dos fatores que envolvem a emergência desse bloqueio no contexto da formação inicial de professores de Química.

O fenômeno do “deu branco” está frequentemente associado ao estresse, à ansiedade, ao medo e à insegurança – fatores que emergem com intensidade durante momentos de avaliação acadêmica. Este artigo busca compreender como essas condições psicológicas impactam a experiência acadêmica, particularmente no processo de formação de futuros docentes. O objetivo principal é analisar, de forma especulativa, o impacto do “deu branco” nas avaliações e nas trajetórias de formação inicial docente, considerando também o contexto das exigências e pressões do neoliberalismo contemporâneo sobre os espaços acadêmicos.

A justificativa de busca desta temática está relacionada às experiências vivenciadas pela autora da monografia, em que pode testemunhar e vivenciar múltiplos desafios atrelados a situações avaliativas. Durante esse período, foi possível se deparar com o ‘deu branco’ em momentos cruciais, como exames e apresentações, e tomou relevo como isso pode ser paralisante e prejudicial para o desenvolvimento acadêmico e profissional. Da mesma forma, de uma série de relatos de situações que a mesma teve a oportunidade de escutar/presenciar enquanto frequentava o ambiente de formação inicial docente, o que vem ao encontro de muitas das experiências que já havia tido a chance de vivenciar.

Este artigo propõe, assim, uma reflexão sobre as múltiplas dimensões envolvidas no “deu branco”, relacionando-o a questões de saúde mental, sobrecarga de trabalho e a pressão gerada pelo sistema educacional contemporâneo. O fenômeno será analisado dentro de um contexto mais amplo, que envolve a formação inicial de professores de Química e as implicações psicológicas e sociais dessas experiências. Para isso, serão abordados conceitos de memória, esquecimento, ansiedade e estresse, sempre considerando o impacto do neoliberalismo na construção do perfil dos estudantes e professores em formação.

O objetivo do estudo é criar estórias que dão relevo e fabulam especulativamente o ‘deu branco’ em situações avaliativas que atravessam a vida acadêmica de estudantes durante a formação inicial docente em caráter superior. Além disso, será arregimentada uma escrita reflexiva de fundamentação teórica que foca nas avaliações, no ‘deu branco’, na ansiedade e no estresse, além de memória e esquecimento, sem deixar de tratar da formação inicial de professores/as de Química.

O ‘deu branco’ muitas vezes está vinculado ao estresse, ansiedade, medo, insegurança e outros fatores psicológicos, sociais e coletivos, afetando diretamente na habitação e no processo de formação inicial de professores/as, especialmente de Química. Por conta disso, ele será o tema central deste trabalho.



A avaliação e o 'deu branco' no contexto acadêmico e suas implicações

Avaliar não é um processo simples, é um processo complexo que requer a consideração de diversos fatores. Isso inclui a definição clara do que está sendo avaliado, os métodos e critérios utilizados e o contexto no qual a avaliação ocorre. Os estudos de Samoara Luz e Herivelto Moreira (2022) destacam que “A avaliação nas instituições brasileiras de ensino superior segue, em linhas gerais, o modelo tradicional de ensino” (p. 3). Esse modelo caracteriza-se por métodos de avaliação que podem incluir provas escritas, trabalhos individuais, apresentações orais e outros formatos que têm sido tradicionalmente utilizados ao longo do tempo nas escolas e instituições de ensino superior.

Conforme Tiago Sales, Fernanda Rigue e Franklin Dutra-Pereira (2024), “[...] as avaliações apresentam, geralmente, estruturas rígidas e normativas, formas fixas de pensamento e hierarquias estabelecidas na construção do conhecimento, além de sistemas de controle e repetições de comprovações” (p. 08). Além disso, esta observação enfatiza que, apesar das mudanças e das discussões sobre inovação e novas abordagens de ensino e aprendizagem que estão em voga, as estratégias de avaliação ainda refletem uma continuidade com os métodos estabelecidos. Normalmente as atividades avaliativas privilegiam a capacidade de decorar/memorizar, pela via da repetição de atividades e transcrição de pensamentos, conceitos, roteiros, entre outros (Luz; Moreira, 2022).

Benigna Villas Boas (2005) critica a avaliação que se limita a função tradicional, ele defende uma avaliação que vá além desses aspectos, enfatizando a importância de uma avaliação que seja formativa e que esteja atrelada à superação da crença de que a avaliação existe apenas para que busque “[...] dar nota e aprovar e reprovar o aluno (...)” (p. 292-293). A proposta de Villas Boas (2005) é que a avaliação seja uma ferramenta que promova o desenvolvimento integral dos/as estudantes, ultrapassando a crença da memorização de conteúdos fixos, estanques e descolados de uma formação estudantil integral.

Segundo apontam Sales, Rigue e Dutra-Pereira (2024) participar de uma avaliação vai muito além do simples ato de responder perguntas. É como entrar em um campo de batalha, onde diversas facetas de nossas vivências são testadas. O corpo enfrenta uma série de desafios, desde a postura desconfortável na cadeira até o controle dos impulsos mais básicos, desenhando-se como “[...] um intrincado espetáculo, onde verdades se entrelaçam em uma rede complexa de moldes e encaixes” (Sales; Rigue; Dutra-Pereira, 2024, p. 08). A capacidade de raciocínio lógico é desafiada pela ansiedade, que pode paralisar e/ou deixar o estudante inquieto. A mente, sobrecarregada, pode se perder em meio a todos os sentimentos e percepções

que invadem. Em se tratando especificamente das avaliações do tipo prova, é possível refletir que esta coloca muitas capacidades à prova “[...] o corpo, os movimentos do pensamento, a vontade de ir ao banheiro, a fome, a ansiedade, a sede, o medo, os sonhos, os desejos, as percepções do mundo, a confusão” (Sales; Rigue; Dutra-Pereira, 2024, p. 14), o que denota que muitos afetos emergem com sua realização.

Essa interação entre o controle emocional e o desempenho cognitivo revela a complexidade da experiência de fazer uma prova. Cada fator - desde as demandas corporais essenciais até as emoções intensas de incerteza e desejo - impacta a execução e, em diversas situações, é determinante para a noção de êxito e/ou fracasso, já que se está tratando de uma ‘noção de verdade’ vinculada aos domínios do conhecimento científico (Sales; Rigue; Dutra-Pereira, 2024).

No contexto universitário é frequente a presença de situações avaliativas que entrelaçam fatores emocionais e cognitivos que impactam o desempenho da escrita por parte dos/as estudantes, como é o caso de provas, resenhas, resumos, artigos, pesquisas, entre outros instrumentos avaliativos. Conforme destacado por Maria Ávila Dos Santos Sá e Maria Souza Almeida (2014), “Em nosso cotidiano, deparamo-nos, cada vez mais, com as dificuldades dos alunos em se expressar pela escrita” (p. 130), por isso tal prática é um elemento que merece atenção e que pode ser explorado no contexto universitário. Aspectos como a falta de prática, a ansiedade diante da exposição pública de ideias, as deficiências na compreensão do conteúdo e a estruturação coerente de pensamentos podem ser dificuldades que prejudicam a escrita acadêmica (Ávila Dos Santos Sá; Souza Almeida, 2014). Para mitigar essas dificuldades enfrentadas pelos/as estudantes na escrita acadêmica, Ávila Dos Santos Sá e Souza Almeida (2014) sugerem que é essencial compreender a relação entre a ansiedade e o fenômeno do 'branco'.

O deu 'branco' “[...] diz respeito aos vários temores e aos inúmeros bloqueios sentidos pelos alunos da graduação (...)” (Ávila Dos Santos Sá; Souza Almeida, 2014, p. 130), que podem ser interpretados como o vazio mental ou a falta de ideias claras e organizadas quando confrontados com a tarefa de colocar suas ideias e conhecimentos no papel de forma acadêmica. Para Carla Mesquita (2000), “Pensar sobre o branco que assola alunos é uma situação de pensar naquilo que vem sendo visto como óbvio ou no que é tido como banalidade” (p. 01), já que além de afetar a escrita acadêmica, como mencionado, o 'branco' pode também manifestar-se em outras ocasiões que exigem que o/a estudante “[...] fale em público, como durante a apresentação de trabalhos e seminários, avaliações orais e participação durante aulas (...)” (Oliveira; Duarte, 2004, p. 185). Essas ocasiões podem causar algumas das reações físicas e emocionais nos estudantes como “[...] tremores, sudorese, gagueira, taquicardia, rubor, relaxamento dos esfíncteres, falhas na memória (branco) e vontade de escapar daquela situação” (Oliveira; Duarte, 2004, p.



186). Esses bloqueios emocionais e físicos podem estar fortemente associados ao funcionamento da memória, que, como será abordado, afeta tanto a nossa identidade quanto a nossa habilidade de gerir o presente. Exatamente quando a memória falha ou está sobrecarregada, os alunos podem vivenciar o 'branco', um bloqueio mental que os impede de acessar as ideias que anteriormente estavam evidentes.

Dentro desse cenário, é essencial compreender o papel da memória nesses momentos de bloqueio. O estudo de Carlos Mourão Júnior e Nicole Faria (2015) aponta que “[...] a memória é um dos mais importantes processos psicológicos, pois além de ser responsável pela nossa identidade pessoal e por guiar em maior ou menor grau nosso dia a dia (...)” (p. 781). Assim, a memória não apenas preserva experiências passadas e informações adquiridas, mas também condiciona nossa percepção e comportamento atual. É por meio da memória que se constrói a compreensão de quem se é, baseando-se em lembranças e aprendizados anteriores. Segundo o estudo de Marcelo Galuppo (2022), intitulado: ‘Memória, lembrança e esquecimento: ou sobre como construir o futuro’, a “[...] memória exige recordar o que ela mesma encobriu” (p. 82), portanto, o processo de recordar não é simples, pois envolve, muitas vezes, o resgate de conteúdos que, por algum motivo, foram obscurecidos ou esquecidos. Isso nos faz ponderar sobre como as recordações e vivências passadas moldam nossas atitudes no presente, incluindo as circunstâncias onde o ‘branco’ se manifesta.

Por outro lado, como aponta Izquierdo, Bevilaqua e Cammarota (2006) “[...] é necessário esquecer, ou pelo menos manter longe da evocação muitas memórias” (p. 290). O que nos ajuda a entender que o esquecimento também é um processo essencial. Sendo assim, ao se manter algumas memórias distantes, permite-se espaço para novas experiências e aprendizados, deixando cada um livre para construir um futuro que não seja apenas uma repetição do passado, mas sim uma evolução contínua de quem se é.

O esquecimento, portanto, não deve ser visto apenas como uma falha ou um problema, mas como uma função adaptativa do cérebro. Ele permite focar nas informações que são mais pertinentes ao presente e futuro, ajudando a moldar as reações e decisões com base nas experiências mais recentes e relevantes.

Assim, a situação do ‘branco’ aqui discutida não aparece como um esquecimento que acontece ao longo da vida, como discutido por Izquierdo, Bevilaqua e Cammarota (2006), ao contrário, como uma situação de ‘apagamento’ momentâneo, fortemente vinculado a ansiedade e ao estresse. Segundo estudos de Sobral (2021), a percepção e a resposta ao estresse são profundamente influenciadas pela forma como o indivíduo interpreta as situações desafiadoras. “O resultado de uma situação de estresse decorre de como o indivíduo recebe, processa, analisa e responde às situações que é

submetido: se é pertinente, atrativa, amedrontadora, estimulante, dentre outras possibilidades” (p. 16). Nesse sentido, a forma como as pessoas interpretam e atribuem significado aos eventos estressantes pode afetar a intensidade do estresse, influenciando, portanto, a ocorrência de um “branco”. Essa interpretação está mediada por uma série de processos psicológicos, incluindo a avaliação das características da situação e a capacidade de enfrentamento do indivíduo, elementos que são cruciais para determinar se o estresse levará ou não ao bloqueio cognitivo (Sobral, 2021).

Além disso, é crucial entender que o estresse não atua isoladamente. Segundo os estudos de Roberta Teixeira e Ivone Silva (2012), “A ansiedade é a expressão somática do estresse” (p. 119). Esta correlação significa que os sentimentos de apreensão, nervosismo e preocupação excessiva frequentemente associados à ansiedade podem surgir como uma resposta prolongada a situações estressantes. No contexto contemporâneo neoliberal, tal dinâmica que incentiva situações de estresse é expressiva no cotidiano, como: deslocamento no trânsito das grandes (e médias) cidades; multitarefas no ambiente profissional e também escolar; acesso permanente a uma enxurrada cada vez mais acelerada de mensagens instantâneas e redes sociais; entre outros. A palavra ansiedade “[...] está relacionada aos estados de aflição, agonia, angústia, ânsia, nervosismo ou ainda, à condição na qual o indivíduo encontra-se em sofrimento, devido à expectativa de que algo inesperado e perigoso possam acometê-lo” (Sobral, 2021, p. 21). Portanto compreender a relação entre estresse e ansiedade é importante para que o meio universitário consiga promover estratégias eficazes de lidar com estresse e suporte psicológico dentro de contextos como o ambiente acadêmico. Promovendo não só um ambiente mais saudável para os/as estudantes, mas também contribuindo para o desenvolvimento pessoal e acadêmico/profissional de forma mais equilibrada durante a jornada formativa na educação superior.

Esse fenômeno reflete a complexidade do processo de memória, que pode ser tanto um facilitador quanto um bloqueador do desempenho acadêmico, dependendo das condições emocionais e cognitivas em que o indivíduo se encontra. Outrossim, ‘o branco’ refere-se não apenas à ausência de palavras durante o momento crucial, bloqueios em avaliações, na escrita acadêmica, falas em público, apresentações de trabalhos, mas também a uma série complexa de obstáculos psicológicos e práticos que os/as estudantes enfrentam durante seus estudos universitários (Ávila Dos Santos Sá; Souza Almeida, 2014; Oliveira; Duarte, 2004; Mesquita, 2000).

Frequentemente, os estudantes/as enfrentam diversos receios nesse cenário. Entre eles/as estão o receio de não atender às expectativas dos/as professores/as, de não conseguir articular suas ideias de forma coerente, de não dominar completamente o tema escolhido ou até mesmo de não cumprir prazos estabelecidos. A pressão por uma nota elevada e/ou simplesmente o desconforto em expressar suas opiniões de maneira clara/convicente também

encontra-se atrelada/o às demandas de uma ideologia neoliberal e meritocrática que está fortemente presente na sociedade contemporânea. Conforme apontam os estudos de Livia Barbosa (2010), desde de então a “[...] meritocracia aparece diluída nas discussões sobre desempenho e sua avaliação, justiça social, reforma administrativa e do Estado, neoliberalismo, competência, produtividade, etc. e nunca de forma clara e explícita” (p. 21). Sendo assim, ela também pode ser observada em situações de avaliação que ocorrem nas escolas e universidades, influenciando as percepções dos/as estudantes sobre sucesso e/ou fracasso acadêmico. Nesta perspectiva, é possível se vincular a ideia de que “[...] a avaliação é constantemente usada como um instrumento meritocrático, onde funciona como uma forma de julgar os alunos, fornecendo um veredicto sobre o desempenho humano” (Soares; Baczinski, 2018, p. 46-47) - o que vem ao encontro de uma noção de avaliação classificatória, muitas vezes punitiva, que atinge os/as estudantes.

É importante ressaltar que, embora o conceito de meritocracia seja frequentemente associado à ideia de justiça e de reconhecimento, baseados no mérito individual (Soares; Baczinski, 2018), sua implementação na realidade educacional brasileira pode ser ambígua e complexa. Desta forma pressupõe-se que o triunfo é fruto do esforço e das habilidades pessoais, mas no contexto das provas/avaliações, essa premissa enfrenta desafios substanciais. A pressão intensa e as altas expectativas associadas a esses momentos criam um ambiente que pode ser emocional e cognitivamente desgastante e prejudicial para a vida dos sujeitos. Assim, “[...] muitas vezes, entre tanta pressão, perdemos-nos nas ideias, embaralhamos os pensamentos e acontece o tal do ‘dar branco’” (Sales; Rigue; Dutra-Pereira, p. 14). Esses momentos podem ser causados por diversos fatores, desde questões psicológicas, até condições físicas.

Conseqüentemente, as avaliações, originalmente concebidas para diagnosticar o progresso acadêmico e corrigir deficiências, acabam por se tornar uma ferramenta classificatória, reforçando desigualdades e excluindo aqueles/as que não se adequam aos critérios/normas preestabelecidos/as. Neste contexto, é crucial refletir sobre como a meritocracia é aplicada na prática educacional brasileira, reconhecendo suas nuances e buscando formas mais justas, equânimes e inclusivas de pensar os processos dos/as estudantes.

Formação inicial de professores/as de Química e a avaliação

O conhecimento Químico proveniente da ciência moderna - principalmente eurocentrado - é o principal referencial de saber científico ensinado nas salas de aula brasileiras. A formação dos professores/as que

atuam ensinando nas escolas acontece no âmbito das Instituições de Ensino Superior (IES) nos cursos de Licenciatura.

Conforme sugere o estudo de Marcia Rostas (2018), a formação é um movimento que “[...] está em processo de interação e de transformação de conhecimentos – em formação” (p. 172). Logo, está em um processo contínuo e dinâmico que vai muito além da simples aquisição de conhecimentos científicos. Ela é influenciada por diversas interações e depende tanto dos interesses pessoais quanto das oportunidades de interação disponíveis. Essa perspectiva reflete uma abordagem mais moderna e abrangente da educação, na qual a aprendizagem é vista como um processo ativo, participativo e contextualizado.

A formação de professores/as é um processo complexo e desafiador, enfatizando que não se trata apenas de adquirir conhecimentos teóricos, mas também de aprimorar uma variedade de habilidades e competências práticas. Segundo Rigue, Sales e Dalmaso (2023) “[...] na formação, deixamos muito para poder seguir, para metamorfosear, para dar cambalhotas com o novo, viver outras e outras vezes o que já se viveu, mas não como um estado vivido (...)” (p. 18). Esse processo de transformação não envolve apenas o aprendizado de novos conhecimentos, mas também a capacidade de reconfigurar nossas vivências e percepções. É uma experiência profundamente ligada à nossa capacidade de adaptação e resiliência. E é nesse espaço de transformação que o novo se torna uma oportunidade de renascimento, onde a cada vez podemos "dar cambalhotas" (Rigue; Sales; Dalmaso, 2023, p. 18) em nossa jornada para nos tornar algo diferente, algo mais amplo, mais profundo, mais em sintonia com o que estamos nos tornando.

A capacitação de professores/as requer uma base que abrange diversos conhecimentos, desde o domínio dos conteúdos específicos dos componentes curriculares até a compreensão das estratégias de mobilização dos conhecimentos e de aprimoramento das relações interpessoais.

Conforme o estudo de Fernanda Rigue, Tiago Sales e Alice Dalmaso (2023), é possível identificar que “Por muito tempo temos investido, enquanto campo de formação de professores/as, em incluir disciplinas e componentes curriculares que dêem conta de explorar a maior quantidade possível de conteúdos que permitam formar um.a docente” (p. 1484). Assim, ao oferecer uma diversidade de componentes curriculares, a formação de professores/as pode abranger desde dimensões pedagógicas fundamentais até metodologias de ensino propositivas.

A formação de professores/as não é apenas sobre o domínio de conteúdos acadêmicos e técnicas de ensino. Ela também se contorna na construção de fundamentos que irão sustentar a prática profissional futura e permanente. Dessa forma, Rigue, Feltrin e Sales (2024) destacam que “A área

da formação de professores e professoras pode contribuir significativamente para a construção de pilares do futuro profissional docente e possibilitar aos mesmos experiências diversas, como conhecimento e interação com o público em geral” (p. 186). Assim, sublinham a importância de uma formação docente que vá além do ensino de técnicas pedagógicas. A formação de professores/as precisa integrar não apenas aspectos teóricos e metodológicos, mas também proporcionar experiências práticas diversificadas, inclusive no que tange a situações avaliativas. Essas experiências são essenciais para que os/as futuros/as educadores/as tenham a oportunidade de desenvolver uma compreensão abrangente do papel que desempenharam na sociedade. A interação com diversos públicos e contextos educacionais pode enriquecer o conhecimento dos professores/as, permitindo-lhes ampliar e, se possível, redimensionar suas abordagens às necessidades e às realidades variadas dos/as estudantes.

Como aponta Alice Dalmaso e Fernanda Rigue (2022), ao discutirem os desafios contemporâneos na educação, “Habitar o contexto da formação inicial de professoras/es no Brasil conjectura-se enquanto um universo múltiplo e diversificado, inserido em um espectro contingenciado por relações de forças individuais e coletivas que a galgaram” (p. 2). Neste contexto, a variedade cultural, social e econômica do Brasil, influencia diretamente na formação de profissionais da educação. As vivências individuais dos/as futuros/as professores/as são impactadas pelo ambiente em que vivem, incluindo questões como educação acessível, recursos disponíveis nas instituições de ensino e problemas socioeconômicos enfrentados pela comunidade. Essas experiências, muitas das vezes desafiadoras, ressaltam a necessidade de uma formação docente que prepare os/as educadores/as para atuar em contextos diversos e complexos.

Dessa forma, Wallace Cabral (2019) aponta que o/a professor/a de Química precisa “[...] incentivar e propor diferentes atividades de leitura e escrita, minimizando a responsabilidade que é atribuída exclusivamente ao professor/a de Língua Portuguesa” (p. 129). Ao integrar a leitura e a escrita significativa a outras disciplinas, como Química, os/as educadores/as não somente enriquecem o aprendizado dos/as estudantes, mas também permitem que seja possível uma abordagem interdisciplinar que valoriza as habilidades comunicativas em diferentes contextos. Cabral (2019) também aponta que, “Para isso, é importante que esse futuro docente vivencie e reflita sobre a linguagem em sua formação, para que, com maior pertencimento e propriedade, possa incentivar tais práticas na Educação Básica” (p. 129). Assim, a habilidade de escrever é fundamental para o crescimento profissional dos/as professores/as, pois não só os capacita a comunicar informações de forma clara e organizada, como também a analisar de maneira aprofundada suas estratégias de ensino.



Independente do instrumento utilizado no processo avaliativo, é indispensável considerar a relação interpessoal entre docente e estudantes. Ou seja, não é o instrumento avaliativo que define a qualidade das relações que estão em jogo na avaliação, ao contrário, é 'como' o processo avaliativo se dá (em todas as suas instâncias) que dita os efeitos (nocivos ou não) da prática implementada. O que está em jogo é toda a atmosfera da situação avaliativa que está sendo executada.

Em se tratando da formação docente na universidade, não se pode deixar de mencionar que a “[...] evasão escolar – e universitária – está relacionada ao modo como temos mobilizado as nossas práticas avaliativas (inerente com as demandas curriculares), e como somos obrigados – sim! – a implementar mecanismos padronizantes em nossas práticas pedagógicas” (Sales; Rigue; Dutra-Pereira, 2024, p. 05). Assim as práticas avaliativas, que deveriam ser ferramentas de diagnóstico e de promoção do aprendizado, acabam se tornando um dos fatores que contribuem para a evasão. E é essencial considerar que a formação docente na universidade precisa ter o compromisso de preparar os futuros/as professores/as não apenas para seguir diretrizes, mas também para questioná-las, tensioná-las e adaptá-las conforme as necessidades dos contextos e dos/as estudantes. Para enfrentar a evasão universitária, é fundamental que as universidades se voltem para uma abordagem mais flexível e personalizada, que reconheça e valorize as diferenças individuais dos/as estudantes/as e permita aos docentes uma maior autonomia para implementar situações de acompanhamento das aprendizagens que realmente promovam o aprendizado e a inclusão equânime no processo. Contudo, é importante destacar que de forma alguma quer-se culpabilizar os/as docentes pela evasão dos/as estudantes, ao contrário, o que se quer apontar é a importância de problematizarmos algumas ações pedagógicas, como é o caso da avaliação meritocrática e classificatória, que muitas vezes é apenas reproduzida nas salas de aula, sem tensionamento e reflexão docente.

Por este motivo as dinâmicas que estão no entorno dos processos avaliativos precisam aprimorar não apenas compreensão dos conteúdos científicos, mas estarem atreladas a ampliação da capacidade reflexiva dos/as estudantes. Isso significa que as práticas avaliativas precisam ser projetadas para além da simples mensuração de desempenho acadêmico e se direcionarem também para o desenvolvimento do ser como alguém integral.

Percurso metodológico

Este trabalho adota como inspiração metodológica os escritos de Donna Haraway (2023) para a criação de histórias no contexto da temática do 'deu branco'. Em sua obra 'Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno', a



autora sugere uma abordagem profundamente prática e engajada com a realidade contemporânea. Haraway (2023) propõe a criação de histórias “[...] que se mesclam fato e ficção, com especial atenção à forma da narração (...)” (p. 17). Assim, Haraway (2023) apresenta que uma história vai além de simplesmente contar fatos, ela ultrapassa a divisão entre o real e o imaginário, abrindo caminho para criar histórias que não só relatam, mas também questionam e transformam o tradicional. Esse enfoque possibilita não apenas explorar o ‘branco’ em uma situação específica, mas também estimula uma problematização sobre a escrita e a construção de pensamentos de formas diversas.

Essa abordagem ressoa com as ideias de Rigue e Sales (2024), “Partir das experiências do que afeta e atravessa os nossos corpos, do que compõem os nossos territórios, é agenciar estas linhas entre vida-ciências-educação, é com elas criar” (p. 03). Assim, atentar para os acontecimentos vividos incentiva a reflexão sobre como as experiências individuais e coletivas (fabuladas) atravessam o nosso conhecimento e a nossa prática educativa.

Neste viés a produção das histórias é inspirada em “[...] narrativas reais que sejam também fabulações especulativas e realismos especulativos” (Haraway, 2023, p. 25), o que aponta para a importância de ficcionar a realidade, abraçando histórias que nos permitem reinventar e fabricar outros modos de viver e habitar o mundo.

Rigue e Sales (2024) apontam que “Cultivar a criação de histórias é um exercício de suavidade, de aproximação com escritos-vivos de companhias alegres para habitar a pesquisa-docência em educação em ciências naturais” (p. 17). Esse processo não apenas enriquece o ambiente educativo, mas também promove um espaço de escuta e acolhimento, em que as experiências e narrativas de cada indivíduo são valorizadas. Ao agenciar as histórias, cria-se um leque de relações que podem fortalecer as comunidades, incentivando a colaboração e o diálogo entre todos/as os/as envolvidos/as. Assim, nesta monografia busca-se impulsionar uma escrita que é imaginada, e uma imaginação que é escrita.

Outrossim as “[...] histórias falam de mundanidades, contextos singelos de vivência que, de certa forma, também dizem (e podem dizer) de outros territórios” (Rigue; Sales, 2024, p. 13). Nesse viés, as histórias podem capturar as marcas do cotidiano e, ao mesmo tempo, ressoar com a multiplicação de possibilidades e realidades para se habitar o próprio mundo. Ao compartilhar essas vivências, é possível estabelecer conexões entre diferentes territórios e culturas, mostrando que, mesmo em contextos distintos, há experiências humanas comuns - que atravessam diferentes territórios e realidades.

Ao fabular é possível imaginar e construir novas possibilidades, novas narrativas que não se limitam a relatar o que aconteceu, mas também inspiram

a pensar de maneira criativa e ficcional sobre como é possível habitar à docência e a vida. Essa fabulação permite explorar novos caminhos e soluções para os desafios contemporâneos, transformando a educação em um espaço dinâmico de aprendizado.

Nesse caminho é possível vislumbrar que as “[...] palavras que, como ferramentas, ecoam e pluralizam nossas vivências íntimas e comunitárias, fabulando inventividades que dão a ver e pensar sobre habitar a docência e a vida em/com educação” (Rigue; Sales, 2024, p. 03). Dessa forma, a prática de criação das histórias misturam “[...] experiências, ficções, desejos e sonhos nos caminhos singulares que habitam a educação e a docência. Escritas em primeira pessoa do singular, (...) em direção a mundificações (...) que nos permitem ficar com o problema” (Rigue; Sales, 2024, p. 5).

Conforme os escritos de Daiane Paz (2024), é possível identificar que “[...] uma história, então, possui um recorte de ação política não convencional, fazendo-se necessário o/a leitor/a pôr-se no lugar do sujeito da história para, assim, compreendê-la e transformá-la” (p. 16). Assim a história não se limita a apresentar um ponto de vista ou uma análise, mas envolve o/a leitor/a em uma jornada que transforma a compreensão e a resposta política. Ao vivenciar a perspectiva do sujeito da história, o/a leitor/a é levado/a a uma nova compreensão das dinâmicas políticas e sociais, incentivando uma mudança não apenas no entendimento, mas também nas atitudes e nas ações. Assim, a história se torna um poderoso instrumento de transformação, desafiando o convencional.

A noção de educação química menor (Fary; Rigue; Oliveira, 2023) sugere: “[...] agenciar o pensamento químico a partir da nossa relação no/com/pelo mundo. Para tanto, é crucial abandonar o ideário de compreensão do conhecimento químico a partir de contratos e abstração de conceitos” (p. 20). A química não deve ser tratada apenas como um campo de saber fechado e inflexível, mas como um processo dinâmico de pensamento, que se constrói e se recria a partir das vivências e relações dos estudantes com o mundo. Em vez de seguir recursos predefinidos, os/as professores/as devem criar situações de aprendizagem que permitam aos estudantes explorar a química de maneiras criativas, problematizadoras e contextualizadas. Isso envolve também um movimento de “[...] cultivar novas rotas, trajetórias e vivências” (Fary; Rigue; Oliveira, 2023, p. 20), que possa desafiar os modelos educacionais convencionais e incentivar uma prática pedagógica mais conectada à realidade social e cultural dos/as estudantes.

Nessa perspectiva, a noção de educação química menor incentiva a busca permanente de novas relações de pensamento envolvendo os conhecimentos químicos. Desterritorializar os estatutos científicos para pensar de outros modos é um investimento desta noção, portanto, as histórias vêm ao encontro desta proliferação de possíveis.

Assim, abre-se espaço para que as histórias sejam fabuladas como espaços de encontro e transformação. Ao adotar a perspectiva de fabulação na educação exploram-se novas linhas de pensamento que podem vir a transformar os processos educacionais (Fary; Rigue; Oliveira, 2023). Destarte, a fabulação especulativa das histórias permite que sujeitos se envolvam em processos criativos que estimulam a reflexão profunda e a imaginação, redefinindo a experiência educacional. Dessa maneira, ao incorporar histórias e fabulações na produção da escrita e pesquisa em educação, possibilita-se que emergjam espaços inventivos e cocriadores em que a educação se torna um processo contínuo de descoberta e reinvenção.

Histórias, portanto, são ponte para a produção de escritas mundificadas e vivas.

Estórias

A seguir, encontram-se as histórias produzidas nesta monografia apresentada ao curso de Química Licenciatura. É importante mencionar que, a partir desta etapa do TCC, o termo química será utilizado em minúsculo, considerando que ele está associado a uma noção de educação química menor (Fary; Rigue; Oliveira, 2023).

Os títulos das histórias são os seguintes: O seminário; Infinitos desafios; Experiências educacionais; O Brilho da Coragem; O Desafio do TCC: A Jornada de Lena Peixinha na Graduação.

O seminário

Finalmente estava chegando o grande dia da apresentação do Seminário de Joaquina, vinculado a uma disciplina obrigatória do curso superior de química. Ela havia estudado semanas a fio, revisado todos os conceitos e preparado os slides com cuidado e atenção. A ansiedade misturada com a empolgação era palpável enquanto se dirigia para a sala de aula, onde colegas e professores/as aguardavam para assistir às apresentações. Um detalhe importante é que o grupo de Joaquina era o primeiro a apresentar, e a sala de aula reunia estudantes vinculados/as a outro curso da instituição. O seminário começou bem. Inicialmente, Joaquina estava nervosa, mas conseguiu manter a compostura. O grupo explicou os fundamentos teóricos e manteve o ritmo da apresentação conforme havia planejado. No entanto, quando chegou o momento crucial de discutir sobre como o trabalho havia sido realizado, como plataforma de pesquisa, as escolas entrevistadas quantificaram o número de alunos/as no qual Joaquina havia ficado responsável, ela se viu diante de um branco.

Diante dos olhares atentos dos/as colegas e da professora, Joaquina esqueceu de mencionar aqueles pontos tão importantes, onde foi a pesquisa, quantos/as estudantes envolvidos/as, qual a plataforma utilizada para pesquisa. Um silêncio constrangedor se seguiu enquanto Joaquina tentava desesperadamente recuperar as ideias. Então começou a gaguejar, buscando nas notas mentais, as quais havia planejado dizer. A sensação de frustração e insegurança aumentava a cada milésimo de segundo que passava. Os segundos pareciam horas enquanto tentava encontrar uma saída da situação desconfortável - e desesperadora - em que se encontrava.

Com auxílio de um papel que havia elaborado e que estava disposto abaixo do computador, Joaquina observou algumas palavras-chave que a auxiliaram, já que a remeteram aos pontos importantes do Seminário que havia estudado/preparado. Finalmente, conseguiu retomar a apresentação, mas a sensação de que algo crucial tinha sido perdido permanecia.

Ao final da aula, Joaquina sentou em sua cadeira sentindo um misto de alívio por ter terminado e um profundo sentimento de culpa. Ela se perguntava como poderia ter deixado aquilo escapar, especialmente depois de tanto esforço e preparação. Os pensamentos de autocrítica não paravam: “Eu deveria ter sido mais clara”; “Eu tinha tudo na ponta da língua, por que esqueci?”. Não bastasse toda essa mistura de sentimentos e sensações, Joaquina precisou permanecer na sala de aula até o final das apresentações.

Essa situação foi arrebatadora para ela! Deixou marcas irreversíveis em seu corpo, já que demonstrou o quanto uma atividade avaliativa nem sempre é ‘apenas’ sobre uma atividade avaliativa.

Infinitos desafios

Nas vésperas da prova de Teoria dos Números Infinitos, tudo parecia desabar para Mariana, a Formiguinha. Sua mãe, que sempre fora seu pilar de apoio nos estudos, ficou repentinamente doente e precisou ser internada em um hospital em outra cidade. A angústia tomou conta dela, e tentar se concentrar nos estudos enquanto era acompanhante no hospital era uma tarefa quase impossível. A preocupação constante pela saúde da mãe a impedia de absorver/aprender qualquer conteúdo.

No dia da prova, uma questão que geralmente seria simples se tornou um desafio enorme. Mariana sentou-se na sala de aula tentando se concentrar, mas a preocupação era avassaladora. Quando o/a professor/a distribuiu as folhas de questões da prova, ela leu a pergunta sobre um problema básico de derivadas, algo que haviam praticado repetidas vezes em aula.

No entanto, naquele momento crucial, um branco tomou conta de sua mente. Ela tentava desesperadamente lembrar dos passos e das fórmulas,



mas seus pensamentos estavam tão ocupados com sua mãe que as respostas simplesmente não vinham. Lágrimas começaram a embaçar seus pequeninos olhos enquanto percebia que a sua experiência com a resolução da prova estava se transformando em um grande e abissal fracasso.

Mariana, a Formiguinha, entregou a prova com o coração partido, ciente de que não havia conseguido demonstrar seu verdadeiro conhecimento. Nos dias seguintes, recebeu a notícia que já imaginava, a reprovação na disciplina de Cálculo, algo que nunca imaginou que pudesse acontecer logo em seu 1º período de formação.

O branco na prova não foi ocasionado por falta de preparação, mas sim pelo peso emocional que carregava naquele momento. Ela refletiu sobre como a preocupação e o estresse afetaram não apenas em seu desempenho acadêmico, mas em sua vida como um todo. Aprendeu que as situações e os obstáculos pessoais às vezes podem ser tão grandes que afetam até mesmo áreas que consideramos sólidas em nossas vidas: como é a formação profissional.

Apesar da reprovação, Mariana encontrou forças para seguir em frente. Dedicava-se a ajudar sua mãe a se recuperar e, aos poucos, foi capaz de retomar seus estudos com uma nova perspectiva. Viu a importância de cuidar da sua mãe! O quanto a família é importante. Contudo, também começou a perceber que é indispensável cuidar da sua saúde mental e emocional, algo fundamental para seu processo de formação.

Essa experiência difícil não apenas a fortaleceu, mas também a fez perceber que, independentemente dos desafios inesperados que surgem - e que muitas vezes são maiores do que a formação profissional pode compreender, sempre há oportunidades para aprender e crescer, mesmo nas situações mais difíceis da vida.

Prioridades e desafios estão sempre presentes!

Experiências educacionais

O ano era 2023 e Laura, a Corujinha, estava prestes a embarcar em uma jornada emocionante e desafiadora, seu primeiro dia de estágio supervisionado na escolândia de Corujas. O coração batia acelerado enquanto ela se dirigia para a escola onde seria sua primeira regência, encarando a perspectiva de estar à frente de uma turma de 30 estudantes Corujas pela primeira vez.

Laura, a Corujinha, sempre fora apaixonada pela educação, mas estar na figura de professora, mesmo que temporariamente, era uma intensa mistura de emoções e sensações. Ela havia se preparado meticulosamente, revisando

planos de aula, organizando materiais e imaginando cada detalhe daquela manhã crucial.

Ao chegar à sala dos/as professores/as Corujas, foi recebida calorosamente pela coordenadora pedagógica, que a tranquilizou com palavras encorajadoras e dicas práticas. Com um sorriso nervoso, Laura seguiu voando para a sala de aula, onde os/as estudantes já a aguardavam, curiosos para conhecer a nova estagiária que ensinaria naquele dia.

Enquanto se apresentava, Laura percebia o olhar atento e expectante dos/as Corujas. Algumas estavam visivelmente curiosas, outras um pouco mais reservadas, outras/as desinteressados/as, mas todos/as prontos/as para acessar o que ela tinha a oferecer naquele período de aula.

Laura, a Corujinha, deixou que algumas palavras lhe escapassem devido ao nervosismo inicial, cometendo alguns erros teóricos enquanto se familiarizava com a dinâmica da sala de aula. Seu coração continuava acelerado, mas ela encontrava coragem para continuar. Apesar dos tremores nas mãos, Laura notava o quanto alguns/as estudantes já demonstravam apreciação por sua presença, mostrando-se curiosos/as e fazendo perguntas com entusiasmo.

A cada erro corrigido com humildade e a cada pergunta respondida com cuidado, a Corujinha sentia uma conexão crescente com os/as estudantes. Ela percebeu que, mais do que apenas transmitir conhecimento, seu papel naquele momento era inspirar confiança e cultivar um ambiente de aprendizado acolhedor para todas as Corujas.

Durante uma atividade em grupo, Laura pôde observar como os/as estudantes interagem entre si e como suas diferentes personalidades se manifestavam. Alguns eram extrovertidos e lideravam as discussões, enquanto outros mais introvertidos expressavam suas ideias de maneira mais reservada, mas igualmente valiosa.

À medida que a aula progredia, a Corujinha começava a se sentir mais à vontade. Ela encontrou um ritmo natural ao explicar os conceitos, ajustando seu tom de voz e suas expressões faciais para captar a atenção das Corujas. A interação positiva com a turma não apenas acalmava seus nervos, mas também reforçava sua confiança em suas habilidades como Coruja educadora em formação.

Mas por outro lado Laura, a Corujinha, sentia uma certa insegurança e um leve sentimento de que poderia ter deixado a desejar. Não era para menos; ali estava ela, em sua primeira experiência pública como educadora, enfrentando um desafio que misturava entusiasmo com uma dose significativa de nervosismo. Cada momento na frente daquela turma parecia uma prova de

fogo, pois Laura não gostava de situações em que ela tivesse que estar a frente do público, já que havia ali dentro dela um medo de público presente.

No intervalo, algumas Corujas se aproximaram para compartilhar suas impressões e perguntar sobre ela. Laura se surpreendeu com o quão abertos/as e receptivos/as eles/as estavam, criando vínculos que ela esperava fortalecer ao longo do estágio.

Ao final do primeiro dia, enquanto refletia sobre suas experiências na sala de aula, Laura sentiu uma mistura de cansaço e realização. Eis que o primeiro voo havia sido dado.

O Brilho da Coragem

Era uma noite tranquila e de céu estrelado. Estrelinha, uma jovem, estava ansiosa para sua apresentação. A tensão e a excitação se misturavam dentro dela, enquanto aguardava a sua vez de brilhar diante da Constelação. Quando chegou o momento tão esperado, Estrelinha se preparou para brilhar com todo o seu esplendor. Com um pouco de tremor, começou a se organizar para apresentar o seu trabalho. No entanto, um grupo de estrelas mais velhas e experientes murmurou do alto: "Estrelinha, a sua apresentação não está aqui, ela não chegou no endereço correto!". Estrelinha, já nervosa, tentou explicar que o conteúdo da sua apresentação já havia sido encaminhado, que ela havia feito a sua parte. Em meio a tudo isso, lembranças da preparação cuidadosa realizada por Estrelinha vinham à tona. Ela não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

Sentindo-se constrangida e magoada, Estrelinha enfrentou o desafio de lidar com a Constelação. Ela sabia que o trabalho estava em ordem, mas um erro no sistema (no que ela nem conseguia denominar) tinha causado esta situação. Ela teve que enfrentar seus medos e superar a dor que ardia no peito no momento. Com um esforço imenso, Estrelinha voltou ao seu lugar no céu. Apesar da tristeza, respirou e se preparou para a apresentação. Mas, ao subir no palco, tudo parecia opaco e distante. A beleza do céu ao seu redor parecia desvanecer, e sua voz parecia não alcançar ninguém.

Naquele instante, Estrelinha desejava desesperadamente o apoio e a compreensão da Constelação, algo que parecia distante e inacessível. Mesmo assim, reuniu suas forças e fez o melhor que podia. Sua coragem e determinação brilharam, e embora o mundo ao seu redor não parecesse perceber, Estrelinha sentiu-se um pouco mais confiante ao terminar sua apresentação.

No fim da noite, enquanto as estrelas brilhavam e a Constelação contemplava a importância do trabalho de Estrelinha, ela entendeu que o apoio

e a compreensão nem sempre vêm quando mais precisamos. Mas, por meio de sua coragem e perseverança, Estrelinha havia aprendido uma lição valiosa: mesmo quando o universo parece indiferente, a verdadeira força vem de dentro (mesmo que doa muito), e é essa força que ilumina (e precisa continuar iluminando) o caminho.

O desafio do TCC: a jornada de Lena Peixinha na graduação

Havia uma pequena peixinha chamada Lena, que vivia em um recife próximo à costa. Desde o começo da graduação, ela sempre ouvia os mais veteranos da universidade comentarem sobre algo chamado 'TCC' - Trabalho de Conclusão de Curso. A cada vez que essa palavra ecoava no recife, seu coraçõzinho batia mais rápido e ela sentia um arrepio percorrer suas escamas.

O TCC parecia uma criatura misteriosa e imponente, uma jornada temida por todos/as os/as peixes mais velhos/as. Peixinha mal conseguia imaginar como seria enfrentar algo tão grande e desconhecido. Antes mesmo de escolher um tema para seu próprio trabalho, ela já se via cercada por um mar de emoções turbulentas: medo, angústia e ansiedade.

Nos dias ensolarados, quando os raios de sol penetravam as águas cristalinas, Peixinha se aventurava perto da superfície, observando as criaturas terrestres. Ela se perguntava se algum dia seria capaz de escolher um tema tão interessante quanto os corais coloridos que via, ou se conseguiria impressionar uma banca de avaliadores/as tão exigentes quanto os/as golfinhos/as que sempre pareciam saber sobre tudo.

O tempo passava e Peixinha se sentia cada vez mais pressionada pelo peso do que viria pela frente. Como poderia escolher um tema quando mal conseguia decidir qual concha decorativa usar em seu próprio ninho? Como impressionar uma banca quando suas palavras muitas vezes se emaranhavam como algas em uma correnteza forte?

Mas, em uma noite estrelada, quando o recife estava silencioso e o oceano parecia dormir, algo mudou dentro de Peixinha. Ela percebeu que o TCC, embora assustador, era apenas um desafio - um desafio que todos/as os/as peixinhos mais velhos/as já haviam enfrentado, e a grande maioria com sucesso.

Com um novo senso de determinação, Peixinha decidiu explorar o recife em busca de um tema que a apaixonasse, algo que fizesse seu coração nadar mais rápido, assim como nadava quando ouvia falar do TCC. Afinal, sua formação dependia desse desafio final. Será que Lena Peixinha conseguiu mergulhar de cabeça no desafio do TCC e nadar até o final? Eis a questão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trata das dificuldades enfrentadas por estudantes universitários/as durante situações avaliativas, com ênfase no fenômeno conhecido como 'deu branco'. Durante a construção da fundamentação teórica, foi possível identificar que o 'deu branco' não é um evento isolado, mas um sintoma de interações complexas entre fatores psicológicos, sociais e institucionais que atravessam a vida dos futuros/as professores/as, particularmente dentro de um sistema neoliberal e meritocrático.

O principal objetivo deste trabalho foi criar narrativas ficcionais que ilustrassem o fenômeno do 'deu branco' em atividades avaliativas, abordando sua influência na formação inicial de professores/as, especialmente docentes de química. Também se buscou desenvolver uma reflexão teórica que vinculasse esse fenômeno ao estresse e à ansiedade, explorando como esses fatores impactam a memória e o processo de aprendizagem. O estresse, a ansiedade, o medo e a insegurança surgem como respostas comuns a procedimentos avaliativos, afetando significativamente o desenvolvimento acadêmico e profissional dos/as estudantes, podendo até mesmo levar à evasão.

Ao longo do referencial teórico, foram exploradas diversas dimensões cruciais para a compreensão da avaliação educacional, os impactos do estresse e da ansiedade no contexto universitário, e a complexidade da memória e do esquecimento. A avaliação foi inicialmente destacada como um processo contínuo e formativo para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos/as estudantes no presente. Além disso, a reflexão sobre os métodos tradicionais de avaliação e a necessidade de práticas avaliativas mais inclusivas e equânimes emergem como um desafio central para as instituições de ensino superior.

Em relação à formação inicial de professores/as de química, fica evidente que a preparação dos futuros docentes precisa superar a simples ideia de domínio dos conteúdos científicos como garantia de aprendizagem em situações avaliativas. A formação deve permitir que os/as estudantes ampliem sua capacidade de refletir sobre o próprio processo de constituição profissional e a futura prática pedagógica, incluindo a dinâmica das situações avaliativas.

O movimento fabulativo especulativo que orientou a criação das narrativas permitiu traçar percursos que dimensionam a coletividade e as experiências compartilhadas por muitos/as na formação inicial docente. Essas narrativas evidenciam como as situações avaliativas atravessam os corpos e as vidas dos estudantes em processo de formação profissional. Também foi possível compreender que a abordagem de construção de histórias (Haraway, 2023) não se limita a um campo específico do conhecimento científico,

podendo ser mobilizada tanto na educação em ciências quanto na educação química, especialmente se considerarmos a noção de educação química menor (Fary; Rigue; Oliveira, 2023).

Essas narrativas entrelaçam ficção e realidade, permitindo uma reflexão mais profunda sobre o 'deu branco' em suas diversas nuances e complexidades. Além disso, todas as histórias estão vinculadas à importância de destacar que não é o instrumento avaliativo que define a qualidade das relações que ocorrem na avaliação. O que realmente importa é "como" o processo avaliativo se desenvolve em todas as suas instâncias, pois é esse "como" que determina os efeitos (nocivos ou não) da prática implementada.

Este estudo ressalta a importância de uma abordagem integrada na formação acadêmica e na prática pedagógica. A avaliação pode ultrapassar a lógica de um instrumento que apenas mede o desempenho, sendo fundamental que seja um processo atento e cuidadoso, que permita o acompanhamento do que foi possível vivenciar nas situações de aprendizagem. A implementação de estratégias avaliativas que reconheçam e valorizem as particularidades dos/as estudantes, em vez de invisibilizar os corpos e tratar o 'deu branco' como um fracasso individualizado, é fundamental para um ambiente educacional mais inclusivo e saudável.

Este trabalho aponta para a urgência de o campo da formação docente se envolver de forma mais crítica com reflexões, estudos e práticas que considerem o fenômeno do 'deu branco' nos processos de formação inicial. A ampliação do repertório teórico e prático sobre essa temática pode contribuir para a permanência qualificada e saudável dos futuros professores/as no ambiente universitário, reduzindo a evasão e promovendo um cuidado mais atento com os problemas de saúde mental. Os processos de acompanhamento da aprendizagem, por sua vez, precisam se tornar uma preocupação constante nas situações educacionais implementadas na formação dos/as professores/as de química, uma vez que os futuros docentes encontram nos/as formadores/as um importante espelho para sua prática pedagógica.

Este estudo defende, portanto, que os processos avaliativos e seus impactos sejam abordados como uma questão coletiva, envolvendo estudantes, docentes e gestores, em vez de adotar uma perspectiva de individualização crescente que tende a punir os corpos estudantis.

REFERÊNCIAS

Ávila Dos Santos Sá, Maria Auxiliadora; Souza Almeida, Maria do Carmo. Deu branco! A escrita de trabalhos acadêmicos e o uso dos conectores. **Revista Educação Por Escrito**, [S. L.], v. 4, n. 2, p. 129–139, 2014.

Barbosa, Livia. **Igualdade e meritocracia**: a ética do desempenho nas sociedades modernas: 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

Cabral, Wallace Alves. O diário de bordo na formação inicial de professores de Química. **Revista Insignare Scientia**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 115-131, mai./ago. 2019.

Dalmaso, Alice Copetti; RIGUE, Fernanda Monteiro. Formação de professores no ensino remoto: o que estamos fazendo conosco na universidade? **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S.l.] v. 11, n. 4, e56011427760, 2022.

Fary, Bruna Adriane; Rigue, Fernanda Monteiro; Oliveira, Roberto Dalmo Varallo de Lima. Rastros de uma educação química menor. **ClimaCom – Ciência.Vida.Educação**, Campinas, ano 10, n. 24, mai. 2023.

Galuppo, Marcelo Campos. Memória, lembrança e esquecimento: ou sobre como construir o futuro. **Revista da Faculdade Mineira de Direito**, v. 24 n. 48, p. 79-91, 2022.

Haraway, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthuluceno. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

Izquierdo, Ivan; Bevilaqua, Lia Rejane Müller; Cammarota, Martín. A arte de esquecer. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 289–296, 2006.

Luz, Samoara Viacelli da; Moreira, Herivelto. Avaliação no ensino superior: uma análise da prática. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 33, e07326, 2022.

Mesquita, Carla Gonçalves Rodrigues de. Deu branco, e agora? Uma abordagem matemática. **(UFPel) reunião anual da anped**, 23,1-14, 2000.

Mourão Júnior, Carlos Alberto; Faria, Nicole Costa. Memória. **Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, V. 28, n. 4, p.780-788, dez. 2015.

Oliveira, Maria Aparecida de; Duarte, Ângela Maria Menezes. Controle de Respostas de Ansiedade em Universitários em Situações de Exposições Oraís. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 183–199, 2004.

Paz, Daiane Suelen Alves da. **Estórias de uma trabalhadora e futura professora de química**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

Rigue, Fernanda Monteiro; Sales, Tiago Amaral. Encontros e estórias de vidas de professores/as formadores/as de professores/as de ciências naturais. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 23, n. 37, p. e24016, jul. 2024.

Rigue, Fernanda Monteiro; Feltrin, Tascieli; Sales, Tiago Amaral. A potência do seminário na formação inicial de professores/as. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 10, p. 186–206, 2024.

Rigue, Fernanda Monteiro; Sales, Tiago Amaral; Dalmaso, Alice Copetti Metamorfoses em Emanuele Coccia: composições para habitar a educação e a formação docente. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 37, n. 81, p. 1465-1496, set./dez. 2023.

Rostas, Marcia Helena Sauaia Guimarães. Formação de professores: aspectos de um processo em construção. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 4, n. 2, p. 169–185, 2019.

Sales, Tiago Amaral; Rigue, Fernanda Monteiro; Dutra-Pereira, Franklin Kaic. O que e a quem prova uma prova? experiências, poéticas e fabulações. **Revista Espaço Currículo**, Pré-publicação/Ahead of Print (AOP), e70212, 2024.

Soares, Karine da Silva; Baczinski, Alexandra Vanessa de Moura. A meritocracia na educação escolar brasileira. **Temas & Matizes**, Cascavel, v. 12, n. 22, p. 36 – 50, jan./jun. 2018.

Sobral, Simone Pimentel. **Ansiedade e estresse como fatores de desempenho acadêmico em universitários**. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Química: Licenciatura) - Instituto de Química e Biotecnologia, Curso de Graduação em Química, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

Teixeira, Roberta Moraes; Silva, Ivone da Imaculada Conceição. **Considerações sobre o estresse e a ansiedade**. Centro Universitário de Patos de Minas, v. 9, n.1, p. 111-122, jul. 2012.

Villas Boas, Benigna Maria de Freitas. O portfólio no curso de pedagogia: ampliando o diálogo entre professor e aluno. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 90, p. 291-306, 2005.

Submissão em 23 de novembro de 2024.

Aceite em 06 de fevereiro de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>